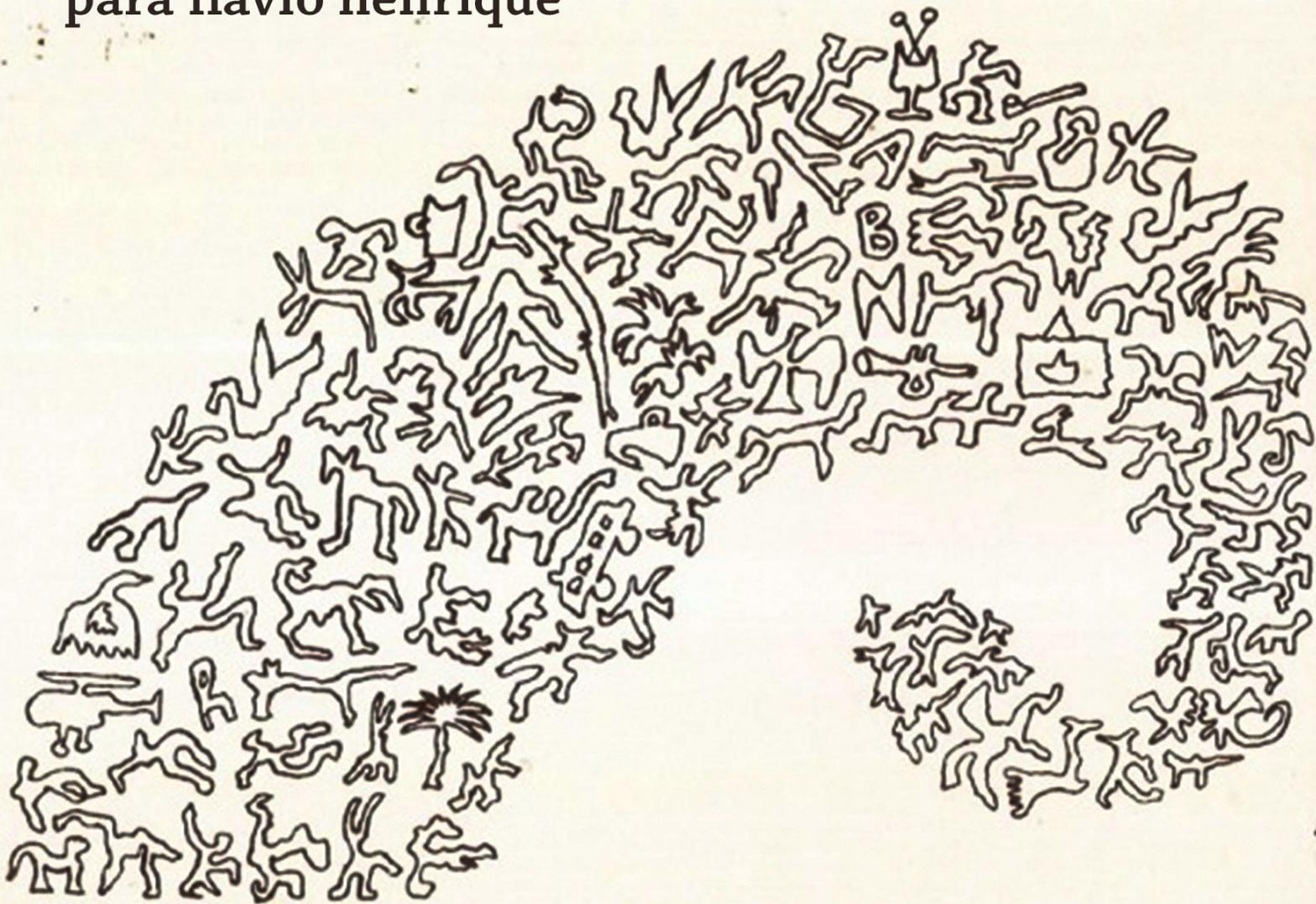


geografia epistolar :: surrealpolitik.cartografia.org

Fragmentos em maiúscula

carta-canção de clara delgado
para flávio henrique



Belo Horizonte, 06 de julho de 2020.

Flávio

Tantas vezes te escrevi desde janeiro de 2018

Nesse tempo de janeiro de 2018 pra cá

Tenho escrito muitas letras de música

(É estranho te dizer isso te dizer

Do que faço do que fiz

Acho que você vê e sabe bem

O que tem acontecido por aqui

Desde janeiro de 2018)

Primeiro pensei em escrever ao Leminski

Ao invés de te escrever

(Li cartas dele ao amigo Régis Bonvicino

Mas não é por isso que eu escreveria ao Leminski)

Mas aí me lembrei de uma letra que escrevi

Pra você

No ano passado

Escrevi essa letra e mandei para o João Pires
Ele fez uma música tão bonita com essa letra
Flávio

*Nos traços de nanquim dessa cidade
Beiradas de estradas das canções
Boleros, seus esmeros são bordões
Me lembro caminhar por Buenos Aires
Língua que falavam os aviões
Minas e Bahia pelos ares
Das letras, onde há os corações?*

O último verso não era uma pergunta
Mas gostaria de te fazer essa pergunta
(Também faria essa pergunta ao Leminski)
Gostaria de voltar a Buenos Aires
Não me lembro bem
Por onde andamos
Quais eram aquelas ruas de Buenos Aires?
Lembro de um restaurante lembro do vinho
Talvez de dois restaurantes

(Lembro do seu cachecol xadrez e da foto
Que você me pediu que eu tirasse
Você encostado na parede
Tirei a foto
Cadê essa foto?)
E a coisa da língua
Ouvir outra língua falar outra língua
Como você gostava da língua e eu também
(Você falava pouco
Mas eu me atrevia
Ainda me atrevo)

Te escrevi a letra em janeiro de 2019
Um ano depois de janeiro de 2018
Um pouco depois de ter sonhado com você
(A gente num vagão de trem e tudo
Branco em volta
A gente sentado um de frente para o outro eu te dizia
Que você não estava mais aqui
Que você não poderia estar ali

E você sorria
Não me dizia
Uma palavra)

Sonhei com você outra vez
E escrevi um poema (não foi
Pra você o poema foi só
Um poema)
Escrevi a letra em janeiro de 2019
Escrevi o poema um pouco depois
Um poema estranho
(Não sei bem
O que é um poema
Estranho
Foi estranho escrever o poema
Foi estranho o sonho
Foi estranho — não couberam direito no meu corpo
O sonho nem o poema)

I

*Copo d'água entre as linhas
do mar: o que os olhos viram ao seu lado
sobre grãos de areia.*

*A canção em outra margem
continua dizendo aos ouvidos
que o corpo é outra coisa
e comprovou seus dizeres
em algum lugar que não na poesia.
A morte do corpo te levou aonde?*

II

*Você não iria querer que eu mexesse
nisso e calasse tantas outras formas
de te ouvir. Você não iria querer
que a canção estivesse na outra margem,
ou que o sobressalto
que me acorda fosse movido
pela perda.*

III

Nada inventa a canção — você disse.

*Tamanha a beleza das coisas que rondam
e se condensa nas pétalas
e nas linhas.*

IV

*Você embasbacado ao pé da cama
me acordava urgentemente e queria
que eu interpretasse meu sobressalto:
é só um salto do lugar da canção,
por que na outra margem?
salte para perto dela e ela te dará
uma palavra e uma nota,
seguidas de uma noite
à beira da cama
para dar a si
a palavra noite.*

Você gostava de poemas

Preferi então escrever essa carta em versos

(Para o Leminski eu nunca escreveria em versos)

Preferi deixar as letras maiúsculas no início de cada

Verso

(Sabe que quando escrevo poemas não costumo deixar

Letras maiúsculas no início dos

Versos?

Mas quando escrevo letras de música sim

(As pessoas fazem assim? Escrever poemas

Em minúsculas não tem me feito escrever

Bons poemas

Nem escrever letras de música em maiúscula

Tem me feito escrever boas letras de música)

Percebe

Flávio

Que eu te diria esse poema

Se você estivesse na minha frente agora

Eu te diria esse poema eu te faria

A pergunta

A morte do corpo te levou aonde?

Percebe

Flávio

Que talvez o poema não seja poema

Talvez seja só eu te dizendo e te perguntando

Percebe

Flávio

Que a letra de música que o João fez virar música

Era uma letra pra você

Percebe uma coisa

(Tão inútil quanto te dizer)

Na letra de música

Há rimas (tão simples e bobas quanto inúteis)

E no poema não há rimas

Flávio

No poema não há ritmo

E nunca sei se na letra há algum ritmo

Percebe
Flávio
Que te digo já sabendo
Que você
Não concordaria com nada do que te digo
Você me diria o contrário
Eu sei que você me convenceria
Como tantas vezes me convenceu
Que tudo isso que dizemos é bobagem
Vamos fazer as letras de música
E continuar dizendo as bobagens
E por favor
Flávio
Não esquece de me responder
As perguntas
Preciso das respostas

Clara Delgado é poeta, letrista, professora de português e estudante de Letras na UFMG. Está em processo de feitura do seu primeiro álbum, que apresentará suas canções inéditas em parceria com o compositor Flávio Henrique.

Flávio Henrique (Belo Horizonte, 1968 - Belo Horizonte, 2018) foi um cantor, compositor, tecladista e pianista brasileiro.